

# Desenhar, construir, ensinar: lições de Abrahão Sanovicz\*

por:

**Givaldo Luiz Medeiros\*\***

**É** sempre instigante rever trabalhos elaborados ao longo de uma vida dedicada à arquitetura, reunidos destarte como obra. Laureado na 21ª Premiação IAB-SP 2018, Abrahão Sanovicz, arquiteto, de Helena Ayoub Silva, expõe a trajetória íntegra de uma figura de proa da Escola Paulista, circunstanciando nuances dessa vertente consoante os caminhos de um de seus mais rigorosos intérpretes. A oportuna iniciativa editorial, parceria da Romano Guerra com o Instituto Lina Bo e Pietro Maria Bardi na série Arquitetura Brasileira, repara uma entre tantas lacunas bibliográficas do campo disciplinar, imprimindo nova paginação à pesquisa gestada em fórum acadêmico, ao cabo de uma fatalidade. A morte do então orientador, quando da formulação do doutorado, levou a autora a redefinir o tema original – a questão do método em arquitetura – para afinal encontrar seu sentido tácito na produção do arquiteto Abrahão Sanovicz (1933-1999), retomando do mestre inquietação afim: o projeto como pesquisa.

Da tese ao livro, esse rasto permeia a extensiva compilação da atuação de Sanovicz além da arquitetura, em urbanismo, desenho industrial, comunicação visual e artes plásticas, seja no ensino ou na prática, como aluno, arquiteto e professor. Formação, projetos e docência são os eixos de estruturação prévios, reordenados segundo a arte, o design e a arquitetura na versão final. Em ambas, a nucleação temática avulta contrastada ao viés terminante do título do livro. Se as narrativas movem-se um tanto autônomas, o aposto frisa a essência do percurso como arquiteto, cuja passagem pelo meio, embora multifacetada, não comportava dobras. Pode-se estimar o princípio capitular da argumentação como recurso contextual, a realçar a amplitude de interesses de Sanovicz, no esforço da autora de abrir possibilidades interpretativas conforme divisa aspectos diversos no curso da pesquisa; talvez como modo de contornar o laço afetivo ante o desafio de alinhavar fios soltos de um passado tão recente e já em dissipação, formar juízo crítico a partir de um ponto de vista neutro, deliberadamente marginal à vigorosa presença do personagem para melhor visibilidade da obra.

\* Resenha do livro AYOUB Silva, Helena. Abrahão Sanovicz, arquiteto. São Paulo: Romano Guerra; Instituto Lina Bo e Pietro Maria Bardi, 2017. (Série Arquitetura Brasileira).

\*\* Givaldo Luiz Medeiros é Arquiteto, Professor e Pesquisador do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, ORCID <<https://orcid.org/0000-0003-2299-0095>>.

<sup>1</sup> GUERRA, 2017.

Passados quatro anos desde seu lançamento em evento de ilustres presenças,<sup>1</sup> mais que ecoar a notícia da publicação, o debate de pontos trazidos à tona pelo trabalho, nem sempre explorados em sua justa medida, mostra-se ainda mais promissor quando integra um painel contemporâneo, acompanhado por iniciativas análogas. Permite rever o enlace entre história e memória, discutir temas e questões representativas de tempo e pessoa à luz de visões que vem se sedimentando acerca do período. Em sendo ator proeminente no processo, as posições de Sanovicz são sinais indeléveis do peso que certos aspectos assumiram à época, não obstante qualquer matiz próprio à interpretação pessoal. A isenção do olhar de Ayoub é nesse sentido antes uma vantagem do que um problema. Apresenta elementos constitutivos do desenvolvimento histórico sem precipitar conclusões; deixa em aberto leituras potenciais, vãos e vínculos passíveis de desvelamento, cumprindo seu papel de qualificar o estado da arte do campo disciplinar. Enfim, um convite à pesquisa e ao adensamento da leitura.

<sup>2</sup> SANOVICZ, 2016. Citações do parágrafo extraídas desta publicação.

“Nulla dies sine linea”, ‘nem um dia sem uma linha’, é a expressão original por trás da frase destacada por Danilo Miranda ao apresentar *Abrahão Sanovicz: desenhos e gravuras*,<sup>2</sup> livro que registra a faceta artística de Sanovicz, levada à público em 1997, na FAU-USP, com a exposição *Abrahão Sanovicz: projetos, desenhos e gravuras*. De Plínio, o Velho, e Plotino a belas-artes de Viollet-le-Duc, a máxima sustenta o exercício persistente como fundamento ético, no desenho ou na escrita, constituindo uma démarche da cultura clássica que ressoa até hoje. Tal tenacidade, reiterada por Sanovicz, não deixa de constituir um desnudamento, como anota a neta Fernanda Sanovicz, organizadora da publicação, à medida que vislumbra referências comuns, exemplificada com o desenhista e cartunista Saul Steinberg. Neste livro, em adendo a sua contribuição, baseada no doutorado, Ayoub atesta: “Abrahão Sanovicz recomendava jamais passar um dia sem desenhar – e essa era sua prática habitual. Quase compulsivo, não havia papel em branco que ficasse ileso.” Tece a seguir considerações que indicam a fertilidade das implicações entre os processos artísticos e arquitetônicos, terreno propício para inquirições sobre o fazer – sobre o método – a serem observadas por futuros pesquisadores: “Os ‘diálogos visuais’, ou *d’après*, são desenhos que fazem lembrar obras ou pensamentos de autores que Sanovicz escolheu para essas representações.” De fato, há a possibilidade de reconstituir genealogias intra e transdisciplinares: “há as ‘gravuras’, muito elaboradas e trabalhadas, que no entanto parecem ter sua genealogia nos desenhos ligeiros, nos quais formas, linhas e texturas foram experimentadas.”

O traço sintético ou diletante, o contraponto entre linha e textura a dosar forma e matéria, certamente podem instruir a apreensão do que há de específico em seu fazer arquitetural, a par da remissão ao universo de referências que mobiliza e às quais se filia. No jogo entre contorno e preenchimento, linha e espaço desenham o desenvolvimento da forma. Se bem observarmos desenhos e gravuras, há tensão e ludicidade. O traço do arquiteto oscila livre, a evidenciar a linha como elemento de construção do campo; o gravurista preenche a folha. Lá, é espaço; cá, há matéria. O desenho flutua e flerta entre um e outra. Gesto e premência formal. Em sua arquitetura, o projeto busca a síntese entre a geometrização da forma e o vigor tectônico da construção, galgando a conjunção estética – e ascética – na plasticidade da forma à matéria. Relação mediada pela amplitude de interesses manifestos, a pesquisa e a abertura investigativas, reveladoras, ao largo dos juízos disseminados sobre os arquitetos da Escola Paulista, da disponibilidade intelectual à renovação e ao aprendizado.

Rever Sanovicz através da lente de Ayoub permite aliás reconhecer a experiência de um processo de formação. *Abrahão Sanovicz, arquiteto* expõe uma trajetória iniciada com a militância na juventude junto ao Dror, movimento de orientação socialista então presente na comunidade judaica; o aprendizado de desenho técnico ainda em Santos, durante o ginásio; o contato com as revistas Acrópole e Habitat, veículos de difusão da arquitetura moderna; o apreço precoce pelas obras de Oscar Niemeyer, Oswaldo Bratke e Vilanova Artigas; o curso de edificações na Escola Técnica Federal, visando “queimar etapas”; a formação na Escola de Artesanato do Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM; a vivência do meio cultural paulistano nos anos 1950 e a deferência, por assim dizer, à trajetória de Anita aos museus e às Bienais, distintiva da geração de 1922, e ao impacto devido aos imigrantes europeus no pós-guerra; a efervescente atmosfera ao redor da Praça da República, no Centro Novo; o estágio no Studio Marcelo Nizzoli, em Milão; a graduação na FAU-Maranhão, a atuação no IAB-SP e a docência na FAU-USP, lugares onde exerce o debate público sobre a arquitetura. Processo em que sobressai o universo de vínculos, heranças e compromissos com os quais sua obra se alinha.

Egresso da FAU-USP (1954-1958), tendo como colegas contemporâneos Benedito Lima de Toledo, Eduardo de Almeida, Gustavo Neves da Rocha, Hélio Penteadó, Israel Sancovski, Jerônimo Bonilha, João Walter Toscano, Julio Katinsky, Lucio Grinover, Ludovico Martino, Odiléa Toscano e Nestor Goulart Reis Filho, entre outros, o percurso de Sanovicz traduz o ideal de ensino praticado então na instituição. Orientador do doutorado de Ayoub, Eduardo de Almeida atesta no prefácio do livro a condição comum, explicitando o arco de referências próprios à cultura arquitetônica do período a partir das afinidades eletivas de Sanovicz, ao retomar texto preparado para a exposição realizada na FAU-USP, em 1997, sob direção do grêmio estudantil, o GFAU:

*A obra de Abrahão Sanovicz fala de todos nós, colegas da FAU e arquitetos formados nos anos 1950 em São Paulo, embora talvez nenhum outro arquiteto daquela geração tenha manifestado com seus projetos um compromisso tão forte com a cultura brasileira (presença de Mário de Andrade...) e uma disciplina tão rigorosa no exercício do 'ato de projetar'. Trabalhando e pensando como um arquiteto de nosso tempo, ele questiona seu papel na história, povoando seu universo de referências essenciais: Breuer, Mies, Wright, Terragni, Lucio (Costa, é lógico), Oscar (mas ainda Reidy e outros 'cariocas'), Artigas (respeitosamente) e muito, mas muito Le Corbusier.*

*E ainda Picasso, as gravuras de Segall, os stabile de Calder.*

*Completam o quadro suas preocupações com as questões do design (que aprofundou com Nizzoli em Milão) e da comunicação visual (com Bufoni em São Paulo). (AYOUB, 2017, p. 18)*

Argumento adensado pelo depoimento de Katinsky, em entrevista de 2001 para o doutorado de Ayoub, repleto de considerações polêmicas, mas justamente por isso tão expressivo na figuração do quadro coetâneo – a merecer maior destaque no livro; tratadas como excertos, diluem o vigor do enunciado. De saída, a relevância de Sanovicz é vista por Katinsky não como obra de gênio, mas como representativa da ideologia dos arquitetos de sua geração. Sustenta essa formação como a do

arquiteto-cidadão, a qual “Tinha ligação com o problema da cidadania”, após reforçar o vínculo entre a Politécnica e o socialismo utópico francês:

*Nós achávamos que iríamos participar de um processo no qual nós iríamos contribuir para o progresso do país. Nós, evidentemente eu, o Abrahão... Nós não entramos na jogada do Partidão. Tínhamos uma ligação muito forte com a arte moderna naquela época.*

*Acreditávamos no socialismo, que na época era uma crença geral: o mundo caminha para o socialismo, é só questão de tempo.*

*Queríamos transformar a sociedade brasileira, e isso vinha da Politécnica, não vinha exclusivamente, mas vinha muito da Politécnica. (AYOUB, 2004, v. 2, p. 69)*

O intuito envolvia o avanço tecnológico, a necessidade de integrar a arquitetura à cidade e a ligação com a vanguarda francesa. Exemplifica-os com a importância atribuída à estrutura portante; o intuito de “ampliar os espaços urbanos”, mesmo em situações adversas, restritas ao lote, onde se busca “não contribuir para a rua-corredor”, fazendo com que a rua penetre o espaço privado; a oposição ao Realismo Socialista, mas antes de tudo “contra qualquer direção ‘apriorística’ da atividade artística (lição do Mário)!” E descreve a vida acadêmica na FAU-USP: as aulas e leituras com Flávio Motta; as colocações de Luís Saia sobre folclore, arquitetura popular brasileira, e as posições de Mário de Andrade, que permeiam a atuação no Centro de Estudos Folclóricos; as viagens de estudo a Ouro Preto e Salvador, iniciativas pioneiras do GFAU; a “greve Niemeyer”, em protesto ao veto do Conselho Universitário à contratação de Oscar; “O interesse pelo mundo moderno, pela adequação da estética com a ética, que domina toda a vanguarda do século”; as dissensões, primeiro com a Belas-Artes, depois com a “crítica que contrapunha o projeto ao canteiro”. (Id., p. 69-70).

Contribuição distintiva de Ayoub é a recuperação de elementos que ilustram o entorno de Sanovicz e o engajamento coletivo com a produção cultural. Embora a relação que remonta à Sociedade Pró-Arte Moderna, ao Clube dos Artistas Modernos, ao Salão de Maio e à Família Artística Paulistana não seja nítida, adquire algum sentido quando encontra par na universidade. Destaca o GFAU, com a produção de cartazes e publicações voltados a textos e documentos de referência, como “O Neoplasticismo”, de Piet Mondrian, ou o Curso de Filosofia e História da Arte, de Mário de Andrade. Mais significativa ainda é a pesquisa pioneira da obra de Lucio Costa – realizada por Katinsky, Sanovicz, Almeida e Martino –, nos arquivos do jornal *A Noite* e do Ministério da Educação e Cultura, depois repassada a Alberto Xavier pelo GFAU, tornando-se o embrião do clássico *Sobre Arquitetura*. Iniciativas em que o anseio pela inserção no meio produz desdobramentos concretos.

Com os concursos estudantis e os primeiros projetos profissionais, é possível entrever como as escolhas se formam, avaliar desenvolvimentos individuais e coletivos. Época envolta pela inauguração do Parque Ibirapuera, com os eventos comemorativos do IV Centenário, e pela construção de Brasília, quando a arquitetura moderna se vincula ao ideal desenvolvimentista que pauta as discussões sobre os rumos do país. Momento vivido por Sanovicz como aluno e professor. Pouco tempo separa

um e outro. Da graduação ao ingresso na carreira docente no início de 1962 são praticamente três anos, intervalo em que a prática profissional ainda retém a pauta acadêmica. Interação que seria aliás uma marca da geração que se forma no período e retorna à FAU-USP para lecionar projeto, aproximando escritório e ateliê. Em Sanovicz, esse trânsito profissional e acadêmico enseja a noção do projeto como pesquisa, enquanto o regresso à escola, em plena Reforma de 1962, conduzida por Artigas, o envolve com a reestruturação da sequência de Desenho Industrial.

Tema reiterado em suas reflexões, a questão do método e sua relação com a pesquisa em arquitetura não assume em seus textos definição inequívoca. Há sempre uma tensão com a singularidade do ato de projetar, opondo indivíduo (partido) e coletivo (desenvolvimento). Situa no entanto a noção de pesquisa fora da excepcionalidade, colocando o ato de projetar no mesmo plano de outras atividades humanas. (SANOVICZ, 1990). A obra realizada, no entanto, ao longo do percurso lega seus exemplos.

É ilustrativa a vinculação entre arquitetura e desenho industrial desde o estágio com Nizzoli (1959). Independentemente de ter executado projetos consistentes de móveis e sobretudo de comunicação visual, ao longo de sua trajetória o design se incorpora à arquitetura como campo de experimentação. Em 1967, a convite de Miranda Magnoli e Rosa Kliass, integra a equipe responsável pelo Plano de Áreas Verdes junto à Divisão de Parques e Jardins da cidade de São Paulo, que abrangia espaços livres, projetos e comunicação visual, quando elabora, com Katinsky e Bramante Buffoni, quase uma centena de projetos de equipamentos e mobiliário urbano. Sem ser implantado, no balanço de Sanovicz o trabalho representou a possibilidade de reaproximação com os órgãos governamentais.

Na âmbito privado, a caixilharia do Edifício Abaeté (1963) é uma das obras emblemáticas da integração do desenho industrial à edificação. Inspirado pelo cinetismo de Yaacov Agam, com colaboração de artista Luiz Sacilotto – integrante do movimento concreto e projetista de esquadrias metálicas, então à frente de uma serralharia – no detalhamento e fabricação da fachada, efetua uma síntese entre arte e arquitetura afeita ao debate contemporâneo, que responde a sua inquietação multidisciplinar. Em depoimento à Catharine Gati, recorda:

*Tinha ido visitar uma exposição de um escultor concretista de Israel, Yaacov Agam, suas peças tinham movimento. Comentei com Waldemar Cordeiro que iria fazer um Agam gigantesco: os brises da Pará são móveis, o que faz com que a fachada se altere o tempo todo. (Id., p. 53)*

A obra ensaia uma otimização do canteiro para construções verticais, usando em grande parte componentes montados fora da obra, bem como provoca a criação de pormenores distintos para o Edifício Ubirama (1969), a fim de minimizar conflitos entre os componentes pré-fabricados e o processo construtivo tradicional. Outro aspecto notável é o pavimento-tipo, com agrupamento hidráulico nucleado no centro do andar – ou melhor, ancorado, segundo a terminologia de Sanovicz – e gradação da compartimentação na banda rente às janelas. No Edifício Fiandeiras (1972), vedações externas pré-moldadas, paredes internas dosadas e armários divisores ajustam-se ao plano das unidades dispostas ao redor do núcleo vertical, em configuração de cata-

vento. Razões construtivas regidas pela geometria, no propósito de otimizar o processo produtivo e simplificar a obra.

Entre ambos os trabalhos, a série de projetos habitacionais para a construtora Formaespço aprofunda a experiência do design na construção. No Conjunto Jardim Prudência (1969), o renque de sobrados de cobertura abobada articula racionalização e seriação com processos construtivos tradicionais, ensaiando procedimentos que seriam intensificados na sequência dos Modulares (1970-72). Adaptáveis a terrenos variados, constituem uma investigação exemplar de racionalização e industrialização de edifícios em áreas de adensamento urbano. Com estrutura perimetral modulada, concretada *in loco*, e vedações internas pré-moldadas, integram sistemas construtivos tradicionais e alternativas industriais disponíveis no mercado, associando construção convencional e montagem de componentes.

Os projetos para a Caixa Estadual de Casas para o Povo – CECAP reforçam a abordagem tipológica, em deferência ao Conjunto Habitacional Zezinho Magalhães Prado, de Vilanova Artigas, Fábio Penteadó e Paulo Mendes da Rocha, mas também em alusão às casas em renque de Mies van der Rohe. (AYOUB, 2017, p. 154) Sanovicz comenta a própria obra em sua tese de livre-docência: “Sobre os projetos, sempre os fiz com referências.” (Id., p. 173) Não se vê contudo como discípulo de Artigas, mas como aluno: “O aluno absorve e continua a linguagem do mestre, enquanto o discípulo absorve e a reelabora.” (WOLF, 1988, p. 56). Não sem antes “dizer que Artigas é um discípulo da ‘escola carioca’, o grande discípulo de Oscar Niemeyer, no Brasil.” Para Sanovicz, a escola paulista é o desdobramento pós-Brasília da carioca, sem as quais não existiria. (AYOUB, 2004, v. 2, p. 51).

Releituras acerca do período frequentemente têm vinculado a arquitetura realizada em São Paulo a movimentos paralelos, relevando sua motivação essencial: o contraponto à posição hegemônica no país, mas sobretudo a seu núcleo seminal, Le Corbusier, em um processo de acirramento dialético que visa, no exercício deliberado da contradição, a superação para uma nova síntese. A atuação de Sanovicz, nesse sentido, concorde seus pressupostos e sua obra, oferta uma lente límpida para apreciar as nuances da produção paulista.

Sob o crivo do design, a arquitetura de Sanovicz busca aderência aos meios de construção, ao programa e ao terreno; reconhece experiências precedentes; almeja a expressão concisa, a síntese técnica, construtiva, funcional, estética. Depuração formal, rigor construtivo e despojamento material não objetivam a forma exata, mas a mediação qualificada do fazer. Surge assim seca e áspera; impura, entre indústria e artesanaria; linha e textura análogas a seus desenhos; como expressão se não de um design brasileiro, ligado ao nosso patrimônio artístico popular e erudito, (AYOUB, 2017, p. 82) nos termos de Mário de Andrade, como ato cioso dessa lição; em sua própria casa (1976-77), enquanto construção de uma linguagem própria.<sup>3</sup> Talvez seja essa sua contribuição (o método).

Com estas considerações, possíveis somente pela leitura do providencial livro de Ayoub, destaco a boa lembrança de, no terceiro ano da FAU-USP, em 1984, cursar a disciplina de Projeto com Sanovicz, Arnaldo Martino, Eduardo de Almeida e Jon Maitrejean, episódio vital na minha formação.

<sup>3</sup>As plantas da Residência Sanovicz incluídas no livro são documentos para a execução da obra, com divergências significativas em relação ao existente. Dada a relevância deste projeto, além de tornar esse fato explícito ao leitor, seria oportuno apresentar desenhos atuais.

## Referências bibliográficas

AYOUB Silva, Helena. *Abrahão Sanovicz, arquiteto*. São Paulo: Romano Guerra; Instituto Lina Bo e Pietro Maria Bardi, 2017. (Série Arquitetura Brasileira).

\_\_\_\_\_. *Abrahão Sanovicz: o projeto como pesquisa*. São Paulo: FAU-USP, 2004. Tese de Doutorado. 2 v.

DPCA – Documentação sobre produtores culturais de arquitetura em São Paulo. Conjunto de entrevistas de Abrahão Sanovicz concedidas à Catharine Gati, 1987 e 1988, inéditas. In: AYOUB Silva, Helena. *Abrahão Sanovicz: o projeto como pesquisa*. São Paulo: FAU-USP, 2004, v. 2, p. 30-63. Tese de Doutorado.

GUERRA, Abilio. *Abrahão Sanovicz, arquiteto*. Lançamento de livro de Helena Ayoub no IAB-SP. *Resenhas Online*, São Paulo, ano 16, n. 188.03, Vitruvius, ago. 2017. <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/16.188/6657>>.

SANOVICZ, Abrahão. A pesquisa na área de projeto. *Seminário natureza e prioridades de pesquisa em arquitetura e urbanismo*, 1990, São Paulo. Anais. São Paulo, FAU-USP, 1990, p. 109-115.

SANOVICZ, Fernanda (org.). *Abrahão Sanovicz: desenhos e gravuras*. São Paulo, SESC-SP, 2016. Citações do parágrafo extraídas desta publicação.

WOLF, José. Uma pedra no caminho... – Escola paulista. Depoimento de Abrahão Sanovicz. *AU – Arquitetura e Urbanismo*, São Paulo, n. 17, abr.-mai. 1988, p. 55-56.

Recebido [Jan. 18, 2022]

Aprovado [Fev. 03, 2022]